

MOTIVAÇÕES MÍTICO-HISTÓRICAS DA BUCÓLICA IV DE VIRGÍLIO

Roberto Arruda de Oliveira

RESUMO

Realizou-se uma investigação do mito do Eterno Retorno nos tempos primordiais e a repercussão do mesmo na época de Virgílio. Ressaltaram-se aqui aspectos míticos, históricos e filosóficos atestados na elaboração poética da Quarta Bucólica virgiliana.

Palavras-Chave: Bucólica IV; Virgílio; Mito do Eterno Retorno; Paz de Brindes, palingenesia; Idade de Ouro.

O assassinato de César, ocorrido em março de 44 a.C., terminou por desestruturar a pouca tranquilidade política romana que até então se sustentava. Com o rompimento desse equilíbrio, Roma começa a abrir as portas às lutas sangrentas, às pretensões dos aventureiros e à nostálgica supremacia do Senado. Roma se vê então dividida em duas facções: de um lado, Bruto e Cássio, mentores da conspiração, tentando ainda devolver ao Senado suas antigas prerrogativas; de outro, Marco Antônio, braço direito de César, ansiando, com o apoio do exército, por tomar posse do que restara da obra do ditador. Surge nesse cenário outro personagem dizendo-se merecedor da herança de César, Otávio, um jovem de dezenove anos, sobrinho e filho adotivo do ditador defunto, o qual, apresentando-se como vingador de seu pai adotivo, reivindicava seus direitos familiares e civis.

A disputa pelo poder entre Antônio e Otávio, em vez de dividi-los, terminaria por uni-los temporariamente. Otávio sentia em Antônio um inimigo poderoso e o convida, como também a Lépido, para com ele constituir um segundo triunvirato. Abandona Otávio o apoio do Senado e estabelece um governo de cinco anos sob essa nova coligação. Logo, com a expulsão dos assassinos de César, caberia a Otávio e Marco Antônio decidir o destino do triunvirato.

No começo de outubro do ano 40 a.C., Antônio e Otávio, que há alguns anos estavam na iminência de um confronto, tiveram em Brindes

um memorável encontro. Concordaram ambos em dividir o mundo romano: Otávio ficou com o Ocidente e Antônio com o Oriente; a Itália permaneceu neutra. O casamento entre Antônio e Otávia, irmã de Otávio, garantiria o sucesso desse acordo. Essa paz contudo, sabemos hoje, foi apenas uma trégua temporária. Cada um tinha no espírito a vontade de se rebelar contra o outro numa primeira oportunidade. Apesar disso, os contemporâneos, no meio dos quais se incluía Virgílio, receberam a Paz de Brindes como um imenso alívio. De certa forma, a certeza de uma reconciliação entre os dois surgia – devido ao terror vivido durante a Guerra de Perúsia – como uma garantia de felicidade futura. A Itália de então tinha no mês de outubro do ano 40 a.C. um momento de esperança e confiança numa prosperidade iminente: punha-se de lado qualquer possibilidade de rivalidade futura. Polião, protetor de Virgílio e a quem ele dedica a Bucólica IV, era uma das principais figuras de intermediação entre os dois adversários:

Sicelides Musae, paulo maiora canamus;
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:
si canimus siluae, siluae sint consule dignae.
(Buc. IV, 1-3)

Ó Musas¹ da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas²:
os arbustos e os humildes tamarindos³ não agradam a todos.
Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul⁴.

Uma leitura atenta da Bucólica IV nos leva a crer que todo o poema converge de fato a uma só idéia: a celebração da paz. Virgílio encontrou na força propulsora do mito o elemento indispensável do seu fazer poético. Portanto, ao se abordar o poema em questão, é possível depreender-se que o mito da Idade de Ouro constitui o modelo idealizado no qual o poeta se inspirou para compor o que se poderia chamar de *pax virgiliana*. Virgílio retoma a descrição do mito hesiódico, mas a sua perspectiva é nova, na medida em que a Idade de Ouro vincula-se no poema a um tempo futuro, o que, a nosso ver, constitui uma retomada do mito, se bem que com uma função inovadora. Seguindo as pegadas de Hesíodo, os autores latinos, na maioria das situações, servem-se do mito da Idade de Ouro, ressaltando o paraíso existente *in illo tempore*, contrapondo-o, com freqüência, com a realidade dura e cruel da Idade de Ferro. Virgílio, como poeta-vate evoca o mito da Idade de Ouro que parece se coadunar com o momento histórico: a assinatura do tratado de paz em Brindes. A

paz, anseio de todos, seria, pois, o *leitmotiv* para a composição do poema, encontrando eco nos versos do poeta. Não se trata de uma simples descrição nostálgica, mas preconiza os ideais de um povo sacrificado pelas constantes guerras.

Além dessas questões históricas, as doutrinas etruscas, adotadas pelos romanos “et dont s’inspiraient les livres Sibyllins”⁵, a vida do universo, tanto a física como a moral, estava dividida em grandes ciclos; cada ciclo (*ordo*, v.5) compunha-se de idades, épocas (*aetas*, v.4) ou Séculos (*saecula*, v.5) de duração variável, simbolizados por um metal e presididos por um deus. Depois da última época (*ultima aetas*, v.4) de cada ciclo, os astros, perfeitas suas revoluções, voltariam a seus pontos de partida para recomeçar seus cursos dando início assim a uma nova série de Séculos. O retorno da idade áurea nos vem anunciado na Quarta Bucólica pela Sibila⁶, cuja presença dá voz profética a todo poema. A Sibila, que já existia ao tempo da Guerra de Tróia, cuja queda um dia previu, torna-se no poema sabedora dos destinos da nova Tróia, i.e., de Roma. A Idade de Ouro que Hesíodo punha no alvorecer da humanidade, Virgílio retoma-a e transpõe-na⁷ à boca da Sibila⁸ de Cumas (v.4). A própria Bucólica IV nos certifica no v. 5 desse recomeço inevitável do Grande Ano:

Vltima Cumaevi uenit iam carminis aetas;
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;
iam noua progenies caelo demittitur alto.
(Buc.,IV,3-6)

Já chegou a última época da predição de Cumas⁹;
nasce de novo a grande ordem dos séculos.
Já volta também a Virgem¹⁰, já os reinos de Saturno¹¹;
Já uma nova geração¹² é enviada do alto céu.

Essa origem ligada à idade áurea, ligada sobretudo à idéia da beatitude, não poderia se encontrar somente num passado mítico, mas também num futuro fabuloso: conclusão a que chegaram os estóicos e os neopitagóricos, criando a idéia do Eterno Retorno.

De um modo geral, as antigas sociedades nos falam de uma destruição total do mundo seguida de uma regeneração: o que vemos com relação ao mito do Dilúvio, os mais numerosos. O fim de um período de tempo e o começo de um novo período, conhecido como Novo Ano na

maioria das sociedades primitivas, corresponde ao tempo da nova colheita, é uma espécie de regeneração; essa regeneração periódica da vida é, como o nome nos sugere, um novo nascimento tal qual ocorre em outras sociedades com relação à expulsão dos demônios, jejuns, confissões do pecado e purificações. Seria no fundo, diz-nos Eliade (ELIADE, 1969, p.69), “une tentative de restauration, même momentanée, du temps mythique et primordial, du temps “pur”, celui de “l’instant” de la création”¹³. Esta retomada do tempo, do Novo Ano, é, portanto, uma espécie de reatualização, a cada ano, da criação do mundo.

Ao que parece, tanto a “morte” do homem como a “morte” periódica da humanidade são indispensáveis a suas regenerações: para retomar seu vigor é necessário se reintegrar na unidade primordial donde provém; em outras palavras, faz-se mister ao mundo reentrar no “Caos” do mesmo modo que pelo batismo cristão o homem reentra na água. Essa tentativa de purificação pode ser na verdade uma tentativa de restauração momentânea do “paraíso perdido” da humanidade: tido como lugar ideal, como lugar de felicidade e plenitude espiritual, época em que, segundo se acreditava, os homens não conheciam nem a morte, nem o trabalho, nem o sofrimento, nem a fome. Naqueles tempos, criam, podiam os deuses descer do céu à terra e se misturar aos homens, como os homens, por sua vez, podiam subir ao céu.

Crê-se que a doutrina da destruição do mundo já era conhecida nos tempos védicos e a crença numa conflagração universal, seguida de uma nova criação faz também parte da mitologia germânica: esses elementos nos fazem crer que os indo-europeus não ignoravam o mito do fim do mundo. Esses mitos relativos à perfeição do princípio eram verdades aos mesopotâmios, judeus e gregos, e daí podermos dizer que a doutrina da eterna criação e destruição é uma idéia pan-indiana.

Segundo Eliade (ELIADE, 1969), o estoicismo, os oráculos sibilinos e a literatura judaico-cristã construíram suas idéias apocalípticas e escatológicas baseadas neste mito. Soa-lhes reconfortante a idéia de que – depois que o mundo for renovado pelo fogo – estarão os homens livres da velhice, da morte, da decomposição; os mortos ressuscitarão e a imortalidade será dada aos vivos. Trata-se de uma *ἀποκατάστασις* na qual os bons nada têm a temer: essa catástrofe poria fim à História e reintegraria o homem numa eterna beatitude.

A síndrome apocalíptica era comum a muitas culturas, principalmente na Índia, de onde foram trazidas pelas doutrinas astrológicas ao mundo greco-oriental para aí serem popularizadas. Na Índia, dizia-se que depois do fogo purificador, que dizimaria os maus, os homens conheceriam uma Idade de Ouro, um mundo justo, eterno e feliz. Já aos hebreus certas calamidades (fome, seca, guerras, etc.) anunciariam o fim do mundo; depois viria o Messias; os mortos ressuscitariam; Deus venceria a morte e a renovação do mundo aconteceria. Tanto entre os iranianos como entre os judeus e os cristãos o fim do mundo coincidiria com o aniquilamento dos pecadores, com a ressurreição dos mortos.

Essa concepção cíclica de desaparecimento e reaparecimento da humanidade se conservou nas culturas históricas. Segundo Eliade (ELIADE, 1991, p.51), o Novo Ano “foi consideravelmente dilatado, dando nascimento a um ‘Grande Ano’ ou a ciclos cósmicos de uma duração incalculável”, e se expandiu no século III a.C. por todo o mundo greco-romano. Segundo essa doutrina, o universo, visto como eterno, seria aniquilado e reconstituído periodicamente a cada Grande Ano; doutrina que, como toda cosmologia, era bem conhecida por Zenão, criador do estoicismo.

Segundo o estoicismo, o universo seria destruído – era o que Zenão entendia por *ἐκπύρωσις* – pelo seu núcleo plasmador e ordenador: o fogo; o Grande Ano fecharia seu ciclo para se reiniciar em eterno *continuum*; a própria revolução do mundo garantiria, segundo eles, sua eternidade: o mundo queimaria e renasceria, feito Fênix, das próprias cinzas. Esse mito teve uma grande repercussão, entre o séc. I a.C. e o séc. III d.C., em todo o mundo greco-irano-judaico. Idéias similares havia entre os indianos e os iranianos (sem dúvida influenciados pelos babilônios); idéias que também encontramos entre os maias de Yucatã e entre os astecas no México.

Já falamos da existência na Grécia Antiga da teoria das idades do mundo. O poeta Hesíodo em seu *Os Trabalhos e os Dias* (vv.109-201) nos descreve a teoria da degeneração progressiva da humanidade no decurso das cinco idades das quais a primeira, a paradisíaca Idade de Ouro, a Bucólica IV evocará. Inspirando-se na teoria cíclica de Heráclito, os estóicos vulgarizaram suas idéias com relação ao Grande Ano e ao fogo cósmico (*ἐκπύρωσις*). Com o passar do tempo, essas idéias do Eterno Retorno e do Fim do Mundo terminam dominando toda a cultura greco-romana.

Além do estoicismo, Virgílio conhecia a filosofia pitagórica¹⁴ e neopitagórica dos ciclos dos astros, que passam e voltam sempre ao ponto inicial (*ἀποκατάστασις*), impelidos pelo mesmo movimento. Esse ciclo, dizem os pitagóricos, pode se operar também com certos períodos: os acontecimentos ressurgiriam; nada de absolutamente novo haveria no mundo; e como os acontecimentos, as pessoas também ressurgiriam. Haveria novamente um Sócrates, um outro Platão e cada um dos homens com os mesmos amigos e cidadãos; acreditar-se-iam nas mesmas coisas e discutir-se-iam os mesmos argumentos; cada cidade e povoado ressurgiria da mesma forma; nada de estranho aconteceria além de tudo que aconteceu antes; cada fato acontecido no ciclo precedente aconteceria novamente sem nenhuma diferença, até nas menores coisas. “Esse retorno universal realizar-se-ia não uma, mas muitas vezes” (MONDOLFO, 1973, vol. II, p.105). Tal marcha contínua se estabeleceria devido a um perpétuo movimento da esfera celeste: tudo retomaria com a volta dos astros celestes a sua posição primitiva. E a eles cabia, matemáticos que eram, o entendimento de tal marcha cíclica. a História recomençaria e os acontecimentos se repetiriam, como nos explica Carcopino (CARCOPINO, 1930, pp.41-43), pela mesma ordem:

Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo
delectos heroas; erunt etiam altera bella,
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.
(*Buc.*, IV,34-36):

Haverá então um outro Tífis e uma outra Argo que transporte
heróis escolhidos; haverá também outras guerras,
e um grande Aquiles será mandado novamente a Tróia.

Bem antes de Virgílio escrever a Quarta Bucólica, o neopitagorismo já havia se propagado em Roma: acadêmicos, estóicos, ecléticos, peripatéticos, filólogos, oradores, todos contemplavam essa filosofia; era o seu apogeu.

E quando recomençaria esse ciclo? Somente os cálculos teóricos, que eram os mais diversos, a respeito da duração desse ciclo poderiam nos dizer. Teoricamente, o Grande Ano “est l’intervalle de temps qui est nécessaire pour que les cinq planètes ainsi que le soleil et la lune se retrouvent respectivement et simultanément ramenés aux positions en longitude et latitude célestes qu’ils occupaient à un instant initial” (JEANMAIRE, 1930, p.95). O tempo, no entanto, necessário a esse ciclo

é uma grande questão insolúvel desde Platão (*Timeu*). Assim como alguns estabeleceram 2.484 anos, outros fixaram o ciclo em 10.884 anos (*apud* JEANMAIRE,1930,p.95). Na época em que Macróbio comentava *O Sonho de Cipião* (II,11), admitia-se uma duração de 15.000 anos a essa grande revolução (*apud* JEANMAIRE,1930, pp.95-96); e Cícero, em seu tratado perdido intitulado *Hortênsio* (*apud* TÁCITO, *Diálogo dos oradores*, XVI), afirmava ser de 12.954 anos:

Nam si, ut Cicero in Hortensio scribit, is est magnus et uerus annus, quo eadem positio caeli siderumque, quae cum maxime est, rursus existet, isque annus horum quos nos uocamus annorum duodecim milia nongentos quinquaginta quattuor complectitur [...]

Se é verdade, como Cícero escreve no *Hortênsio*, que o grande e verdadeiro ano se completa, no momento em que uma certa posição dos astros e do céu se faz absolutamente a mesma, e, se tal ano compreende doze mil novecentos e cinquenta e quatro divisões que chamamos de anos [...]

Polêmico também é o tempo que se dá à duração dos *saecula*. Pouco importa discutir isso, o que vale ao entendimento do poema é que, segundo o oráculo, o primeiro *saeculum* corresponde à Idade de Ouro, presidida por Saturno – *redeunt Saturnia regna* (v.6) [já volta o reino de Saturno] –, e o último à Idade de Ferro, presidida por Apolo. Assim, segundo uma ordem inalterável, renasceria o primeiro *saeculum* com o fim do último, e, com a consumação de todos os *saecula*, o ciclo se reiniciaria, tomando seu curso novamente: a essa extensão de tempo denominavam **Grande Ano**.

Essas especulações filosóficas e astronômicas, segundo Jeanmaire (JEANMAIRE,1930, p.96), misturaram-se ao longo do tempo em Roma com especulações órficas, pitagóricas e ainda outras vindas da Etrúria. A concepção do ciclo cósmico nos surgiu sob duas formas: de um lado, sob a noção astronômica de um Grande Ano, de um Ano do Mundo que seria à revolução de sete planetas o que o ano sideral é à revolução do Sol; de um outro, sob a teoria milenarista segundo a qual a vida de uma nação, de um império, está limitada a certos números de Séculos, como a vida do indivíduo tem por limite um certo número de anos. A contaminação dessas duas teorias bem distintas pela origem deve ter levado à especulação que afirmava ser cada Século um mês do Grande Ano, um cálculo não astronômico, mas teórico, e daí o verso 12: *et incipient*

magni procedere menses [os meses do Grande (Ano) começarão a se suceder]; possivelmente, à época em que Virgílio escrevia a Quarta Bucólica essa contaminação já teria se efetuado.

Quanto à Paz de Brindes supracitada, todos ansiavam que fosse definitiva, e, por isso, deixaram-se dominar por uma efusão de alegria: “on entrevoyait une ère nouvelle de délivrance et de bonheur” (LAMARRE, 1907, p. 297). Tanto os sábios como o povo criam no cumprimento das predições; tudo parecia conspirar em favor de uma renovação e o poeta assim se faz intérprete dos anseios populares. Era o momento de Virgílio cantar a felicidade que surgia, “de dire émerveillement du coeur humain devant l’accomplissement de ce que l’on croyait impossible”¹⁵ (BRISSON, 1966, p. 111), de decantar a glória conquistada por Polião por ser o principal mentor dessa reconciliação: a Itália podia agora respirar. Esses elementos históricos, a antiga tradição mitológica, a teoria mítica do Grande Ano, a da palingenesia, o novo culto sibilino e as idéias neopitagóricas combinaram-se¹⁶ possibilitando a Virgílio a elaboração de um poema único: a Bucólica IV, dedicada a Polião.

Virgílio, ao cantar o mito da Idade de Ouro, não tinha em mente apenas decantar uma verdade mítica há muito esperada. O recomeço da “grande ordem dos séculos” (*magnus saeculorum ordo*, v.7), o aparecimento de uma “nova geração” (*noua progenies*), que verá renascer o reino de Saturno, não podem ser separados, pensa ele, das circunstâncias históricas concretas¹⁷. Longe de fazer devaneios, o poeta busca sua inspiração nos acontecimentos contemporâneos dos quais teve o cuidado de advertir o leitor:

Teque adeo decus hoc aeui, te consule, inibit,
Pollio, et incipient magni procedere menses
te duce.

(vv. 11-13)

E justamente por ti, ó Polião¹⁸, sendo tu cônsul, a honra deste tempo¹⁹ terá início, e, sob o teu comando militar²⁰, os meses do Grande (Ano)²¹ começarão a se suceder²².

Creemos que a Quarta Bucólica surge também, além da expectativa mítica, como um grito de esperança; surge como uma nova proposta diante das guerras civis, da penúria, das fadigas, de toda sorte de calamidades. Fez o poeta menção, sem dúvida, nos versos 13 e 14 – *Si qua*

manent sceleris uestigia nostri, / inrita perpetua soluent formidine terras
[Se alguns vestígios do nosso crime / subsistirem, inócuos, libertarão a terra de um medo perpétuo]²³ – ao horror das guerras civis²⁴, à discórdia estabelecida entre os chefes do Estado romano que ainda persistia: a Paz de Brindes não podia acabar de vez com todo o cortejo de devastações e morticínios, e Sexto Pompeu, excluído do Tratado de Brindes, impedia com sua armada a chegada do trigo africano à Itália. Carcopino (CARCOPINO, 1930, pp.189-190) nos confirma essa afirmação quando diz:

Lorsque Virgile declare: “Si quelques traces de notre scélérateuse persistent, elles n’auront plus d’effet, et les terres seront délivrées de leur terreur perpétuelle” (...) il est clair que le feu des guerres civiles, flétries comme un crime par les justes paroles du poète, n’est pas encore éteint partout²⁵.

Sempre que os acontecimentos históricos intensificavam seus efeitos catastróficos, esclarece-nos Eliade (ELIADE, 1969, p.158), os romanos criam estar iminente o fim do Grande Ano e estar Roma à beira de uma ruína. Logo que César atravessou o Rubicão, Nigídio Fígulo²⁶ – segundo nos informa Carcopino (CARCOPINO, 1930, p.147) – presenciou o começo de um drama cósmico-histórico que poderia por fim a Roma e à espécie humana. Nigídio acreditava que essa *ἐκπύρωσις* não seria fatal e que a renovação pitagórica (*μετακόσμησις*) poderia ser possível sem catástrofe cósmica: “idée que Virgile allait reprendre et amplifier” (ELIADE, 1969, p.158) na Bucólica IV. O reino de Augusto, no entanto, viria a instaurar a tão esperada *Pax Aeterna*. Tendo como base os dois mitos – o mito das idades e a teoria do Grande Ano –, a passagem da Idade de Ferro à de Ouro, acreditava-se, efetuar-se-ia sem *ἐκπύρωσις*. Tomando Virgílio assim essa idéia, propondo que as guerras civis marcado a passagem da Idade de Ferro à de Ouro, anuncia na Quarta Bucólica a nova era. Bem depois, quando Augusto parecia já ter consolidado a Idade de Ouro, “Virgile s’efforce de rassurer les romains quant à la durée de la Cité”²⁷ (ELIADE, 1969, p.159): Júpiter, dirigindo-se a Vênus (*Eneida*, I, 278-279), certifica-lhe de que ele não estabelecerá aos romanos nenhum limite espacial ou temporal: *His ego nec metas rerum nec tempora pono: Imperium sine fine dedi*²⁸. E, por isso, somente após a publicação da *Eneida*, Roma foi consagrada *Vrbs Aeterna* e Augusto proclamado seu segundo fundador: Roma agora poderá se

expandir, diz Virgílio (*Eneida*, VI, 795-796), “além das constelações (do Zodíaco²⁹) [...] e dos caminhos do ano e do sol”³⁰ (*extra sidera [...] / extra anni solisque uias*).

Virgílio, assim, compõe um poema “digno de um cônsul” no qual enaltece a figura de Asínio Polião então cônsul, cuja participação foi notável no acordo de paz em Brindes. Assinale-se, ainda, o nascimento de seu filho caçula, Asínio Salonino, segundo Carcopino, a criança a que se refere o poema. O nascimento dessa criança prefigura, pois, o alvorecer de uma nova era para a humanidade, que gradativamente se consolidará conforme o seu desenvolvimento natural, atingindo a sua maturidade na fase áurea.

Assim, o poeta-vate, valendo-se do oráculo da Sibila, prenuncia a chegada de novos tempos, faz-se mensageiro de tempos gloriosos que ele recria à luz do mito da Idade de Ouro, que ele manifesta como tempo de perfeita harmonia em confronto com os tempos vigentes, identificados com a Idade de Ferro.

Acreditamos, por fim, que a Quarta Bucólica de Virgílio, cuja temática é uma celebração à paz, possui uma mensagem atemporal e sem fronteiras, uma mensagem de otimismo evocadora dos eternos anseios humanos de concórdia, já presentes de certa forma *in illo tempore*, ou, como nos assegura Carcopino (CARCOPINO, 1930, p. 194), “un message immortel de l’humaine espérance”³¹.

ABSTRACT

An investigation of the Eternal Return myth in the primitive time and its repercussion in Vergil’s epoch was still arranged, in addition, the mythical, historical and philosophical aspects which gave Vergil rise to work the Fourth Eclogue out was here expounded.

Key-Words: Fourth Eclogue, Virgile, Eternal Return myth, Pact of Brundisium, Palingenesis, Golden Age.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOULANGER, A. L’orphisme à Rome. *Révue des Études Latines*. Paris, Les Belles Lettres, tome XV, p. 121-135, 1937.

BOWDER, Diana. *Quem foi quem na Roma antiga*. Tradução de Maristela Ribeiro de Almeida Marcondes. São Paulo: Art Editora, Círculo do Livro, 1980.

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 5. ed. Vol. I e II. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BRISSON, Jean-Paul. *Virgile: son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1966.
- BUSHNELL, Clark Curtis. "An interpretation of Vergil's Fourth Eclogue". In: *Transact And Proceed. of the Americ. Philol. Assoc.*, p. 1, 1932.
- CARCOPINO, Jérôme. *Virgile et le mystère de la IV^e Éclogue*. Paris: L'Artisan du Livre, 1930.
- CUNHA, Alice da Silva. "A Idade de Ouro: o retorno do tempo mítico". In: *Calíope*, n.8, jul-dez, 1989. p. 93-103.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. *Le mythe de l'éternel retour*. Paris: Gallimard, 1969.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1953.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2^a. éd. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica (grega e latina)*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- HÉSIODE. *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*. 15^e. éd. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: les Belles Lettres, 1996.
- JEANMAIRE, H. *Le messianisme de Virgile*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1930.
- LAMARRE, Clovis. *Histoire de la littérature latine: au temps d'Auguste*. Tome I. Paris: Librairie Jules Lamarre, 1907.
- Maronis, VIRGILII P. *Opera*. Tomus primus. Interpretatione et notis illustravit Carolus Ruaeus. Jussu christianissimi regis ad usum serenissimi delphini. Editio novissima accurate recognita cui accesserunt in notis nomina lusitana rei rusticae animalium atque plantarum necnon ad Georgica appendix, lusitano sermone quamplurimis adnotationibus locupletata studio et opera J.-I. Roquete. Paris: Aillaud, Rio de Janeiro: Francisco Alves, /1846/.

- MENDES, João Pedro. *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.
- MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo: história da filosofia greco-romana*. Vols. I e II. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.
- _____. *Les métamorphoses*. Tome I. 7^e. éd. Texte établi et traduit par G. Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. 13^a. ed. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- TACITE. *Dialogue des orateurs*. 6^e. éd. Texte établi et traduit par H. Goelzer et H. Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les belles Lettres, 1925.
- _____. *Bucoliques*. 2^e. éd. Texte établi et traduit par E. Saint-Denis. Revue et corrigée. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- _____. *Les bucoliques et les Géorgiques*. Nouvelle édition revue et augmentée avec introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat. Paris, Garnier, /s.d./.
- _____. *Bucoliques-Géorgiques-Énéide*. Texte latin publié d'après leurs meilleurs éditions critiques. Accompagné d'un commentaire philologique et littéraire par Henri Goelzer. Paris: Librairie Garnier, /1920/.
- _____. *Énéide*. Tome I. 2^e. éd. revue et corrigée. Texte établi et traduit par J. Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1978.
- _____. *Énéide*. Tome III. 2^e. éd.. Texte établi et traduit par J. Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- _____. *Géorgiques*. 7^e. ed. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1982.
- _____. *Oeuvres*. Texte latin publiée avec une introduction biographique et littéraire des notes critiques et explicatives, des gravures, des cartes et un index par F. Plessis et P. Lejay. Paris: Librairie Hachette, 1920.

VIRGILIO. *Églogas y Geórgicas*. Traducción directa y literal del latín, prólogo y notas, de Jose Velasco y Garcia. Buenos Aires: Editorial Glem, 1943.

NOTAS

¹ Essas musas são as mesmas musas de Teócrito: a Sicília foi a pátria do poeta grego Teócrito, pai da poesia pastoril, autor alexandrino, e fonte de inspiração ao poeta latino; daí Virgílio nos lembrar novamente o poeta grego no início da Sexta Bucólica quando diz *syracosio uersu* – cf.: VI,1-2: *Prima Syracosio dignata est ludere uersu / Nostra [...] Thalia* [Tália, como primeira, dignou-se a cantar no verso de Siracusa] –, e ainda invocar, na Décima, Aretusa, fonte e ninfa da Sicília – cf.: X,1: *Extremum hunc, Aretusa, mihi concede laborem* [Aretusa, inspira-me (ainda) este último canto.]

² Acredita Mendes (1985, p.222) que aqui “o poeta dá a entender que o gênero bucólico não se coaduna perfeitamente com o assunto que agora se propõe cantar”; na mesma página nos diz ainda o crítico: “Aflora em toda bucólica um tom próximo ao da epopéia”.

³ O tamarindo era uma planta consagrada a Apolo; era o emblema dos poetas, os quais muitas vezes eram representados com um ramo na mão. O ramo de tamarindo (como o de erva e o de arbusto) era tido como mais humilde que o de loureiro.

⁴ Seria como se aí dissesse: “façamo-lo de um modo ou num tom que não desdiga de um cônsul”; e daí ter sido desde a antigüidade intitulada “Polião”.

⁵ “e nas quais se inspiraram os Livros Sibílinos” (VIRGILE. *Les Bucoliques et les Géorgiques*. Traduction, introduction, notes et appendices par Maurice Rat, s.d., p.215).

⁶ Era uma profetisa, uma espécie de médium, encarregada de revelar os oráculos de Apolo; o oráculo, por sua vez, era uma espécie de diálogo, ou senão monólogo, entre a sacerdotisa e o deus invocado: entravam elas em contato com o deus autoprovocando uma espécie de transe, ou queimando certas plantas que provocavam vapores embriagantes, ou ainda respirando vapores sulfurosos, vindos das profundezas da terra.

⁷ Bushnell (1932, p.1) nos diz que “the Sibyl is quoted merely as authority for a ‘last age’. The prophecy is Vergil’s [a Sibila é citada simplesmente como uma autoridade numa ‘última idade’. A profecia é de Virgílio]”.

⁸ Carcopino (1930, p.39) nos esclarece que “Virgile avait interprété le *carmen* de la Sibylle à la lumière des enseignements qu’il tenait des philosophes, et, à coup sûr, des philosophes néopythagoriciens [Virgílio tinha interpretado a predição da Sibila à luz dos ensinamentos que ele abstraía dos filósofos, e, sem dúvida, dos filósofos neopitagóricos]”.

⁹ Cumas ficava na Campânia, perto de Nápoles. Das diversas sibilas, a dessa cidade, a sacerdotisa de Apolo, tornou-se um oráculo nacional e foi a mais famosa.

¹⁰ Trata-se de Astréia ou Δίκη.

¹¹ Saturno reinou primeiramente no céu e, destronado por seu filho Júpiter, refugiou-se na terra, dando início à Idade de Prata presidida por Júpiter, a qual sucederam

depois de sua partida, a de Bronze, a dos Heróis e a de Ferro, a qual, por sua vez, foi marcada pelo extravasamento de todas as paixões.

¹² Essa nova geração é chamada no verso 9 de *gens aurea*. Serão os próprios deuses, segundo o poeta, que mandarão esta nova raça.

¹³ “uma tentativa de restauração, ainda que momentânea, do tempo mítico e primordial, do tempo ‘puro’, aquele do ‘instante’ da criação”.

¹⁴ Boulanger (1937, p.129) nos diz a respeito da chegada do pitagorismo a Roma: “Sur ce point, on peut tenir pour définitive la démonstration qu’a donnée M. Carcopino dans son beau livre sur la Basilique de la porte Majeure. Il a montré que le pythagorisme s’était propagé, dès la fin du IV^e siècle av. J.-C., ‘à travers la Messapie, la Lucanie, le Picenum et jusqu’à Rome même’ [A respeito desse tema, podemos ter como questão fechada a demonstração que nos deu o Sr. Carcopino em seu excelente livro sobre a Basílica da porta Maior. Demonstrou que o pitagorismo se expandiu, desde o final do século IV a.C., ‘através da Messápia, da Lucânia, do Piceno e até da própria Roma’]”.

¹⁵ “de falar maravilhas do coração humano diante do feito daquilo que se considerava impossível”.

¹⁶ Paratore (1983, p.380) acrescenta a todas essas os cultos orientais, uma certa propensão na Casa Júlia e o profetismo hebraico, segundo ele, já presente em Roma: “Todas as correntes místicas que agitavam, naquela época, a consciência das multidões, deixaram marcas de si na singularíssima composição: as tradicionais correntes órfico-pitagóricas, o culto sibilino renascente, as doutrinas filosóficas sobre a palingenesia moral da humanidade, a tradição romana do *saeculum*, cultos orientais conexos com figuras de monarcas e de heróis, a propensão que vigorava na Casa Júlia para a apoteose das próprias figuras eminentes (segundo o espírito já adotado por Virgílio no fragmento do *Iulium sidus*) e, não em último lugar, o profetismo hebraico, a espera do Messias, da qual Virgílio devia ter tido notícia frequentando a casa de Polião, na qual encontravam hospitalidade os hebreus doutos, de passagem pela Itália.”

¹⁷ Cunha (1989, p.98) nos lembra que, ao contrário do que ocorre com a narração do mito em Ovídio, o poema virgiliano “vincula-se ao momento histórico vivenciado pelo povo romano, que, após um período de crises turbulentas, vê ressurgir, com o sucesso das negociações em prol da paz, que culminou com a assinatura do Tratado de Bríndisi, a esperança de dias melhores num futuro próximo”.

¹⁸ Caio Asínio Polião (76 a.C.- 5 d.C.) foi, como Mecenas, protetor de Virgílio e de Horácio; autor trágico, gramático, historiador, orador, atribui-se-lhe o fato de ter sido ele o mentor das *Bucólicas*. Não é de modo algum de se surpreender que o poeta se lembre dele na Bucólica VIII (na qual confessa ter sido por ele incentivado a compor poemas bucólicos) – cf.: VIII,11-12: *Accipe iussis / carmina coepta tuis* [Aceita os versos começados por tuas ordens] –, celebre seu talento literário na III – cf.: v.84: *Pollio amat nostram, quamuis est rustica, Musam* [Polião ama a nossa Musa, apesar de ser rústica] –, e, por fim, dedique-lhe a IV.

¹⁹ Goelzer, em sua obra crítica sobre as *Bucólicas* (VIRGILE. *Bucoliques-Géorgiques-Énéide*. Accompagnée d’un commentaire philologique littéraire par Henri Goelzer, 1920, p.23), diz-nos que *decus hoc aevi* (lit.: esta honra do tempo) está por *decus*

huius aevi (lit.: honra deste tempo), i.e., aquele novo Século de Ouro, e, daí, nossa tradução.

²⁰ Ao ablativo *te duce* do v. 13, Carcopino (1930, pp.182-185) nos sugere a tradução acima utilizada, pois que, segundo ele, haveria aí uma referência ao comando de Polião e a sua campanha militar na Dalmácia (40 a.C.).

²¹ Jérôme Carcopino (1930, pp.42-43) e João Pedro Mendes (1985, p.225) aceitam como mais apropriada para *et incipient magni procedere menses* a tradução de Henri Goelzer (VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer, 1925, p.42): “Les mois de la Grande Année inaugureront leurs cours [Os meses do Grande Ano empreenderão seus cursos]”.

²² Velasco y Garcia (VIRGILIO. *Éclogas y Geórgicas*. Traducción y notas de Jose Velasco y Garcia, 1943, p.39), no entanto, nas notas de sua tradução das *Bucólicas* nos diz que “este pasaje se interpreta de distintas maneras. Parece lo más probable que los meses magnos de que aquí se habla sean los de la recolección, porque al llegar la edad de oro se habría de estar en una continua cosecha [Esta passagem se interpreta de diversas maneiras; o mais provável, ao que parece, é que os grandes meses de que aqui se falam sejam da colheita, porque, quando chegasse a Idade de Ouro, haveria de se estar numa colheita constante]”.

²³ Carolus Ruaeus (Maronis, P. VIRGILII. *Opera*. Interpretatione et notis illustravit Carolus Ruaeus, 1846, p.91) nas notas de seu estudo crítico sobre as *Bucólicas* nos afirma que tal passagem pode ser uma referência à perjúria dos troianos, às guerras civis entre César e Pompeu ou ao assassinato de César: *Scelus illud: vel sunt perjuria trojanorum, quibus omnes posterorum Romanorum calamitates tribuuntur* (cf.: Virgílio, *Geórgicas*, I, 501: *Satis iam pridem sanguine nostro Laomedontae luimus periuria Troiae* [De há muito, bastante temos expiado com o nosso sangue os perjúrios da Tróia laomedôntea]). *Vel bella civilia Caesaris et Pompeii. Vel caedes ipsa Caesaris, spectante senatu patrata* [Aquele crime, ou se refere à perjúria dos troianos, aos quais são atribuídas todas as calamidades por (seus) descendentes romanos, ou às guerras civis de César e de Pompeu, ou ao próprio assassinato de César, executado pelo Senado que (o) esperava]. Plessis e Lejay (VIRGILE. *Oeuvres*. Introduction et notes par Plessis e Lejay, 1920, p.30) admitem haver aí uma referência ao embargo de trigo por Sexto Pompeu: “Il se peut que Virgile songe à Sextus Pompée qui n’avait pas été compris dans le traité de Brindes et dont la flotte, croisant le long des côtes de l’Italie méridionale, empêchait l’arrivage des blés d’Afrique [Pode ser que Virgílio esteja se referindo aí a Sexto Pompeu que não foi incluído no Tratado de Brindes e cuja armada, passando ao longo do litoral da Itália meridional, impedia a chegada do trigo da África]”.

²⁴ Mendes (1985, p.226) cita Sêrvio para com ele concordar de que aí de fato é feita referência às guerras civis: *uestigia autem scelerum dicit bella civilia* [chama contudo as guerras civis de vestígios do crime].

²⁵ Logo que Virgílio declara: “Se alguns traços do nosso crime ainda persistem, eles não mais terão efeitos, e as terras estarão livres de seus medos perpétuos” (...) está claro que o fervor das guerras civis, condenadas como um crime pelas justas palavras do poeta, ainda não se extinguíram.

²⁶ Nigidius Figulus (aprox. 100-45 a.C.), polímata, um possível descendente de uma família de origem etrusca, foi pretor em 58 a.C. Partidário ativo de Pompeu e provável seguidor de Pitágoras, foi exilado no tempo de César. Escreveu sobre gramática, astronomia, astrologia, ciências ocultas, zoologia e, sobretudo, religião. Temos uma parte de seu trabalho, repleto de influência etrusca, sobre augúrios e portentos.

²⁷ “Virgílio se propõe a tranquilizar os romanos quanto à duração da Cidade (de Roma)”.

²⁸ “Eu, de minha parte, não fixo àqueles nem limites (de domínio), nem tempo de duração: dei-lhes um império sem fim”.

²⁹ A palavra *sidera* designa as doze constelações do Zodíaco; e o Zodíaco é a extensão da zona do céu na qual se localizam os movimentos dos planetas visíveis. Virgílio nos diz então que Augusto poderá expandir os limites do Império Romano para além das regiões até então conhecidas.

³⁰ O Sol em seu movimento aparente percorre sucessivamente os doze signos do Zodíaco. O Império Romano poderá se expandir então, diz o vate, além dos caminhos seguidos pelo Sol em sua revolução anual, ou seja, além dos trópicos.

³¹ *uma mensagem imortal da esperança humana.*